

O FENÔMENO DO TURISMO RELIGIOSO NO SANTUÁRIO DO SENHOR BOM JESUS DE MATOSINHOS EM CONGONHAS (MG)*

Nayara Souza Fernandes** & Maria do Carmo Pires***

Resumo

O Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas (MG) abriga um conjunto arquitetônico e escultórico de incontestável valor artístico e cultural, entretanto, o sítio se distingue de outros patrimônios de natureza religiosa pois enquanto esses locais normalmente atraem grande público em decorrência de seu valor histórico e artístico, o Santuário apresenta um expressivo turismo religioso que faz dele um dos maiores locais de peregrinação do país. Dentro desta perspectiva, o estudo busca compreender os fatores que justificam esse fenômeno realizando uma análise do Santuário, que leva em conta seu universo material e simbólico além de dados da visitação turística no local. A pesquisa aponta que o grande fluxo de turismo religioso é resultado da secular celebração do Jubileu do Bom Jesus de Matosinhos que acontece nas imediações do Santuário, contudo, conclui-se que o verdadeiro elemento responsável por esse fenômeno se encontra na junção entre o material e o intangível, no campo das práticas e das trocas culturais que são proporcionadas pela festividade, que por sua vez está condicionada a materialidade do Santuário.

Palavras-chave: Patrimônio; Turismo Religioso; Jubileu; Congonhas (MG).

THE PHENOMENON OF RELIGIOUS TOURISM AT THE SANCTUARY OF SENHOR BOM JESUS DE MATOSINHOS IN CONGONHAS (MG)

Abstract

The Sanctuary of Senhor Bom Jesus de Matosinhos in Congonhas (MG) hosts an architectural and sculptural complex of undeniable artistic and cultural value, however, the site differs from other religious heritage sites in that while these sites usually attract a large public due to their historical and artistic value, the Sanctuary has a significant amount of religious tourism which makes it one of the largest pilgrimage sites in the country. Within this perspective, the study attempts to understand the factors that justify this phenomenon, performing an analysis of the Sanctuary, that takes into account its material and symbolic universe, as well as data on tourist visitation at the location. The research points out that the large influx of religious tourism is a result of the secular celebration of the Jubilee of the Bom Jesus de Matosinhos that takes place in the vicinity of the Sanctuary, however, it is concluded that the real element responsible for this phenomenon lies in the junction between the material and the intangible, in the field of practices and cultural exchanges that are provided by the festival, which in turn is conditioned to the materiality of the Sanctuary.

Keywords: Heritage; Religious Heritage; Jubilee; Congonhas (MG).

EL FENÓMENO DEL TURISMO RELIGIOSO EN EL SANTUARIO DEL SENHOR BOM JESUS DE MATOSINHOS EN CONGONHAS (MG)

Resumen

El Santuario del Señor Bom Jesus de Matosinhos en Congonhas (MG) alberga un conjunto arquitectónico y escultórico de innegable valor artístico y cultural, sin embargo, el sitio se distingue de otros patrimonios de carácter religioso, ya que mientras estos sitios suelen atraer a un gran público debido a su valor histórico y artístico, el Santuario presenta un importante turismo religioso, que lo convierte en uno de los mayores sitios de peregrinación del país. Dentro de esta perspectiva, el estudio trata de comprender los factores que justifican este fenómeno, realizando un análisis del Santuario, que tenga en cuenta su universo material y simbólico, además de los datos sobre las visitas turísticas al lugar. La investigación señala que la gran afluencia de turismo religioso es resultado de la celebración secular del Jubileo del Bom Jesus de Matosinhos que tiene lugar en las inmediaciones del Santuario, sin embargo, se concluye que el verdadero elemento responsable de este fenómeno se encuentra en la unión entre lo material y lo intangible, en el ámbito de las prácticas e intercambios culturales que proporciona la fiesta, que a su vez está condicionada a la materialidad del Santuario.

Palabras clave: Patrimonio; Turismo religioso; Jubileo; Congonhas (MG).



Licenciada por Creative Commons
4.0 / Internacional
CC BY 4.0

* Os dados apresentados neste texto correspondem aos resultados parciais da pesquisa sobre o Jubileu do Santuário de Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas que está sendo desenvolvida no Mestrado em Turismo e Patrimônio da UFOP (NSF), orientadora (MCP).

** Mestranda em Turismo e Patrimônio pela Universidade Federal de Ouro Preto (PPGTURPATRI/UFOP) (2021-2023). Graduação em Museologia / UFOP (2020). CV: <http://lattes.cnpq.br/4445496117027011> [nayara.fernandes1@aluno.ufop.edu.br].

*** Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005). Professora Associada do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Patrimônio da UFOP. CV: <http://lattes.cnpq.br/5506409841588052> [maricpires@ufop.edu.br]

1 INTRODUÇÃO

O Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, localizado na cidade de Congonhas em Minas Gerais, é considerado uma das obras-primas do Barroco mineiro. Foi construído na segunda metade do século XVIII e a sua notoriedade, enquanto patrimônio artístico, é facilmente justificada pela riqueza de seu universo material composto por um belíssimo conjunto paisagístico, arquitetônico e escultórico que contém obras de renomados artistas do Barroco e Rococó, como Aleijadinho e Athaide.

O conjunto arquitetônico foi reconhecido como Patrimônio Nacional pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em 1939 no período das medidas inaugurais da política brasileira de proteção ao patrimônio. Anos mais tarde, com uma aproximação entre a UNESCO e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Congonhas foi objeto de várias missões de especialistas internacionais que resultaram no reconhecimento do Santuário como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO em 1985 (Machado, 2017).

Congonhas, por se localizar na divisa com a cidade de Belo Horizonte, capital do estado, e próxima a outras localidades do circuito das cidades coloniais mineiras, atrai sem grandes esforços um número razoável de visitantes durante o ano. Entretanto, apesar do interesse turístico de natureza cultural no local, segundo informações da Diretoria de Turismo da cidade, as visitas dificilmente se convertem em pernoites.

Mesmo com todo reconhecimento em torno da relevância artística e cultural, é no período da tradicional celebração do Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos - que acontece anualmente no Santuário entre os dias 7 a 14 de setembro - que o conjunto ganha vida e se destaca.

Na ocasião, o local passa por uma completa ressignificação, seu valor artístico é posto em segundo plano e o santuário torna-se destino de milhares de peregrinos, oriundos de várias cidades mineiras e até mesmo de outros estados, atraídos pelos poderes milagrosos atribuídos ao Senhor Bom Jesus, para cumprir tradição familiar e até mesmo por lazer, pois para além de uma celebração religiosa o Jubileu é também uma grande festa.

A ideia de Jubileu, desde o Antigo Testamento (Lv 25, 8-17) está ligada à de perdão das dívidas, penas e faltas. Na igreja católica, os jubileus oficiais acontecem nos chamados "Anos Santos" (França, 2001, p. 18).

A influência do Santuário enquanto patrimônio religioso fica ainda mais evidente quando são

comparados dados de visitação turística anual da cidade em contraposição aos números registrados no período do Jubileu, podendo constatar que a festividade é capaz de atrair, em uma única semana, um número de visitantes superior ao que a cidade atrai durante o ano.

Em contagem aproximada de público realizada pela Secretaria de Turismo de Congonhas no ano de 2010, registra-se que o Santuário, em razão da festividade do Jubileu, contabilizou a entrada de 84.540 romeiros na cidade no período da festa.

Em contrapartida, a cidade de Congonhas recebeu naquele mesmo ano um total aproximado de 57.051 visitantes, sendo essa contagem relativa a turistas que realizaram uma visita mais prolongada na cidade, explorando locais além do Santuário (Machado, 2017).

O turismo religioso que ocorre em massa no local demonstra que, mesmo no tempo presente, ele atende à sua função primordial enquanto local de culto, fator que o diferencia de muitos outros patrimônios religiosos espalhados pelo Brasil, que possuem um forte turismo cultural que se resume a mera contemplação estética, sendo os bens muitas vezes esvaziados de suas práticas, tornando-se aos olhos dos turistas apenas a representação de algo (Meneses, 1996).

Em tempos onde debates a respeito dessa desarticulação entre práticas e representações são uma constante no campo do turismo e patrimônio, torna-se relevante o estudo de um bem patrimonial com as características do Santuário, que pode se apresentar como uma exceção nesse cenário.

Com o entendimento de que a atividade turística é um complexo objeto de estudo pois resulta da somatória de recursos naturais do meio ambiente, culturais, econômicos, sociais, dentre outros e dessa forma necessita de uma análise abrangente (Beni, 2000), este estudo tem por objetivo compreender a natureza do fenômeno turístico no Santuário através da identificação dos elementos atrelados a ele que são responsáveis por sua origem e continuidade.

O estudo utiliza a metodologia qualitativa e quantitativa de pesquisa e apresenta uma análise do Santuário, considerando seu universo material e simbólico. Neste processo destaca-se a festividade do Jubileu, identificada como o grande agente motivador do turismo religioso no local.

Para realização da análise, o objeto de estudo foi segmentado em três categorias - o Santuário, a festividade do Jubileu e a relação da comunidade com o patrimônio - para que ao fim as informações fossem interpretadas em conjunto com as estatísticas de visitação e os conceitos teóricos, a fim de traçar um panorama geral de todos os elementos que compõem o patrimônio em questão.

2 REVISÃO TEÓRICA

De acordo com as orientações básicas do Ministério do Turismo, (Brasil, 2008, p.13) viajar é uma expressão de cultura presente em todas as sociedades e toda viagem turística é uma experiência cultural pois, ao sair de seu ambiente, o turista entra em contato com diversos elementos culturais que fazem parte da rotina dos habitantes locais.

é importante compreender a cultura como indutor de demanda turística, o patrimônio cultural como fonte para formação de produtos turísticos singulares, a diversidade e a identidade cultural como fator de diferenciação para oferta de atividades complementares e o posicionamento competitivo dos destinos e roteiros turísticos (Brasil, 2008, p. 11)

Existem diferentes categorias de turismo cultural cujas formas de expressão da cultura são classificadas em áreas de interesse específico, sendo o turismo religioso uma delas, definido pelo Ministério do Turismo enquanto:

Participação em eventos para fins de peregrinações e romarias, retiros espirituais, festas e comemorações religiosas, apresentações artísticas de caráter religioso, encontros e celebrações relacionados à evangelização de fiéis, visitação a espaços e edificações religiosas (igrejas, templos, santuários, terreiros e a realização de itinerários e percursos de cunho religioso e outros) (BRASIL, 2008, p. 19).

De acordo com publicações de estudos na área, o turismo religioso é um dos que mais cresce no Brasil, sendo um importante segmento do mercado. Muitos autores procuram compreender os fatores motivacionais e psicológicos que fazem com que as pessoas se desloquem para as cidades, as procissões, os lugares e os templos sagrados. Há uma linha de abordagem que afirma ser essa modalidade de turismo semelhante ao turismo cultural, ainda que com algumas ressalvas, como por exemplo o fato de que o viajante dessa modalidade nem sempre usa os equipamentos turísticos do lugar visitado e pode não deixar dinheiro para circulação econômica na cidade (Aragão; Macedo, 2011).

No que diz respeito à religião, quando o fiel-romeiro se propõe a ir aos lugares considerados sagrados, este vivencia um encontro com a sua essência, a identidade do grupo e a sua cultura (Aragão, 2014, p. 55).

Segundo Dias, (2003, p. 17)

O turismo religioso apresenta características que coincidem com o turismo cultural, devido à visita que ocorre num entorno considerado como patrimônio cultural, os eventos religiosos constituem-se em expressões culturais de determinados grupos sociais ou expressam uma realidade histórico-cultural expressiva e representativa de determinada região.

É importante ressaltar que o termo "turismo religioso" que será utilizado ao longo do trabalho para se referir ao fenômeno que ocorre na cidade de Congonhas durante a festividade do Jubileu, por muitas vezes foi discutido de forma crítica por estudiosos da área que apontaram a existência de uma ambiguidade conceitual teórica no termo, envolvendo o campo religioso em interface com as esferas não-religiosas como o turismo, o lazer e a política (Silveira, 2004).

Sob o termo "turismo religioso", agentes religiosos, empresariais, públicos e acadêmicos constituem uma ação articulada no sentido de extrair de práticas seculares de fé, como as peregrinações, caminhos santos e promessas, uma oportunidade de negócio, e, nos discursos mais otimistas, desenvolvimento socioeconômico de uma determinada região (Silveira, 2007, p. 39).

Desta forma, um importante fator a ser considerado nessa esfera do turismo é a existência de dois tipos de visitantes, sendo o primeiro o peregrino puro, de motivação unicamente religiosa e jornada unifuncional e o segundo é aquele que, ao ampliar o leque de motivações na jornada, caracteriza a mesma como multifuncional (Dias, 2003, p. 17).

Afinal, é correto afirmar que todos os que vão a um templo, os que visitam um santuário estão fazendo "turismo religioso"? E o que o romeiro/peregrino faz, ao esfolar seus joelhos, ao pagar promessas, ao orar contrito no templo? Turismo religioso, ou romaria, peregrinação, fé? Esses elementos estão relacionados ao sério, ao íntimo, ao interior, enquanto turismo está ligado a posturas de ser, de viver, a uma experiência mais lúdica de divertimento, leveza, ao exterior, ao ver (Silveira, 2007, p. 35).

Considerando os dois perfis de turistas apresentados por Dias (2003), dentro da realidade brasileira, o autor elabora uma classificação de atributos de atrativos turísticos e religiosos, levando em conta a área de destino, o objetivo final e a motivação da viagem. Desta forma, os atributos podem ser os

santuários de peregrinação, os espaços religiosos de grande significado histórico-cultural, os encontros e as celebrações de caráter religiosos, as festas e as comemorações em dias específicos, os espetáculos artísticos de cunho religioso e os roteiros de fé (Dias, 2003).

É importante que estes aspectos sobre o turismo religioso sejam levantados ainda que de forma breve, pois, no caso da festividade do Jubileu que é a grande responsável pelo deslocamento em massa que ocorre até a cidade, existem muitas variáveis presentes que para além da religiosidade perpassam pela presença do comércio que se instala no local (oportunidade de compra), pela própria paisagem do Santuário, pelo lazer que a festividade proporciona através do parque de diversões que é instalado junto com a feira, pelas comidas típicas, pela interação social, dentre outros elementos que também podem ser agentes motivadores dos deslocamentos.

A diferença entre o turista religioso e o turista de outros segmentos do turismo é que o turista religioso é, geralmente, motivado pela fé e sabe o que vai encontrar no lugar sagrado. [...] . Entretanto, muitos deles apreciam atividades paralelas que ocorrem nos lugares ditos santos, se interessando, por exemplo, pelas edificações dos lugares visitados, pela gastronomia, bem como pelas festas, por assim dizer, "mundanas" (Jacomé, 2016, p. 32).

Ainda que não seja possível determinar com precisão os fatores que levam os turistas/romeiros a se deslocarem, podendo ser múltiplos, é possível dizer que o fator cultural está presente, especialmente no caso da festividade do Jubileu, que é considerada uma festa tradicional que conta com um público permanente que participa da celebração todos os anos, considerando-a uma tradição.

A fim de compreender o turismo religioso ocasionado pela celebração, será necessária uma análise abrangente, que considere tanto os aspectos religiosos, quanto os voltados ao lazer, que também estão atrelados a fatores culturais.

Uma festa religiosa tradicional, com ritos ancestrais e mantida viva pela população, tem a capacidade de mobilizar o público de motivação religiosa e também o turista cultural (Brasil, 2008, p. 19).

Ao reconhecer o Jubileu enquanto uma festa tradicional, com ritos ancestrais e sabendo do papel determinante da cultura como indutora de demanda turística, além do patrimônio cultural como fonte para formação de produtos turísticos singulares, é importante compreender o conceito de patrimônio

cultural, assim como algumas diretrizes que norteiam o campo.

A imagem que a expressão "patrimônio histórico e artístico" evoca entre as pessoas é a de um conjunto de monumentos antigos que devem ser preservados por constituírem obras de arte ou por terem sido palco de eventos importantes (Fonseca, 2009).

Esse cenário se afirmava antes da Constituição Federal de 1988 que ampliou a definição de patrimônio cultural brasileiro, passando a abranger expressões da cultura popular e os bens intangíveis. Os bens culturais, sejam eles de natureza material ou intangível, referem-se a pessoas, diversos grupos e comunidades, sua identidade e memória.

Entende-se por patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e saber-fazer – assim como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como fazendo parte de seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural imaterial transmitido de geração em geração é recriado permanentemente pelas comunidades e grupos em função de seu meio, de sua interação com a natureza e de sua história, e lhes confere um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2006, p. 4)

Esta definição é importante para iniciar a investigação proposta, pois para uma melhor compreensão do fenômeno turístico que ocorre no Santuário é preciso conhecer os eventos que precederam sua edificação e toda sua complexidade simbólica. Faz-se necessária uma análise capaz de superar as dicotomias estabelecidas entre o material e o intangível, pois o valor cultural não se encontra nas coisas, sendo ele produzido no jogo das relações.

Segundo Meneses (1996) aquilo que chamamos de bens culturais não tem em si sua própria identidade, mas a identidade que os grupos sociais lhe impõem. Os bens culturais possuem características que abordam diversas dimensões, sejam elas de natureza estética, econômica, social, espiritual, dentre outras, e as sociedades, que são as verdadeiras guardiãs dos bens, que mobilizam tais e quais propriedades serão vetores de seus sentidos e valores.

Os conceitos apresentados acerca do patrimônio e das dinâmicas de atribuição de valores e sentidos são essenciais para compreender o movimento turístico do Santuário em decorrência da festividade, pois a pluralidade de elementos que a compõem

influenciam diretamente na motivação dos indivíduos a participarem do evento.

Dentro desta perspectiva que considera o bem cultural em sua totalidade enquanto atrativo turístico e tendo em vista que o turismo é uma prática social que envolve também diversos fatores, o estudo busca realizar uma análise que compreenda o Santuário enquanto patrimônio cultural edificado, assim como seus aspectos intangíveis, a fim de compreender a natureza do turismo religioso característico do local.

3 METODOLOGIA

A pesquisa de caráter explicativo busca compreender o fenômeno turístico do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos e, para isso, utiliza do método qualitativo a fim de interpretar e relacionar dados coletados com fontes e bibliografias pertinentes, além de observações feitas *in loco*, dentro e fora do período da festividade.

Segundo Neves (1996) os métodos qualitativos e quantitativos não se excluem, eles se complementam principalmente na análise dos resultados e considerações finais, possibilitando congregar a identificação de variáveis específicas – comuns ao método quantitativo – com a abordagem global do fenômeno.

Optou-se pelo estudo de caso, pois além de possibilitar “o conhecimento em profundidade dos processos e relações sociais” (Dencker, 1998, p. 127) também é um método que permite analisar com maior complexidade o processo que transformou o Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas em um importante local de turismo religioso.

O estudo foi realizado em etapas, sendo a primeira designada a apresentar de forma separada os elementos a serem analisados, sendo eles o Santuário, a festividade do Jubileu, os moradores de Congonhas e as estatísticas de visitação, e a segunda etapa foi voltada para interpretação dos dados apresentados na seção anterior.

4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

4.1 Descrição do *Locus* e Objeto de Estudo Santuário de Bom Jesus de Congonhas

4.1.1 O Santuário

No Brasil existem diversos centros de peregrinação que recebem visitantes durante todo o ano. Alguns deles são Santuários que podem ser definidos como lugares onde o povo, enquanto vivenciam a sua espiritualidade, atingem uma

experiência do sagrado que os toca e que alimenta a sua devoção (Pereira *et al.*, 2008).

Para entender como o Santuário de Bom Jesus de Congonhas adquiriu tamanha relevância enquanto local de culto tornando-se um dos maiores destinos de peregrinação do país, é necessário compreender os eventos que deram origem à sua edificação, que está diretamente ligada à celebração da festividade do Jubileu.

O antigo arraial de Congonhas do Campo pertencia ao Termo, ou seja, ao município de Vila Rica, atual cidade de Ouro Preto, e teve sua origem atrelada ao período de grande exploração aurífera na região das Minas nos anos finais do século XVII e início do século XVIII. Este período atraiu bandeirantes e aventureiros para o território que foi logo povoado devido à atividade mineradora e seu relevo propenso à habitação. Segundo Pires (2020, p. 61)

O arraial de Nossa Senhora da Conceição de Congonhas do Campo foi fundado na fase inicial do povoamento, desenvolveu-se perto de uma importante mina de ouro, possuía áreas de pastagens e lavouras em seus arredores e tinha como povoados subordinados os arraiais de Soledade, São José de Paraopeba e parte de Itaverava.

Ainda segundo esta autora, “há indícios de que Congonhas tenha sido fundada na fase inicial do povoamento da região mineradora” e cita que em uma concessão de uma sesmária “ao capitão Domingos Martins Pacheco em 1711”, este “apresentava o arraial como sua residência desde o ano de 1704” (Pires, 2020, p. 61).

É nesse cenário que a história do Santuário (figura 1) tem seu início através da figura do comerciante português Feliciano Mendes que mais tarde viria a ser o responsável pela iniciativa da construção da igreja.

O português teria chegado em Congonhas do Campo atraído pela riqueza aurífera da região, porém pouco tempo depois foi acometido por uma grave enfermidade e, imbuído da religiosidade intensa do período barroco, decidiu então fazer um voto ao Senhor Bom Jesus pedindo que o livrasse da enfermidade.

Tendo sua prece atendida, Feliciano Mendes em agradecimento dedicou sua vida a serviço do Bom Jesus, dando assim início a devoção na região. Solicitou à Cúria de Mariana e ao rei de Portugal D. José I a licença para tornar-se ermitão e assim poder esmolar para a edificação da igreja que, em fevereiro de 1757, teve seu projeto de construção iniciado (Engracia, 1908).

Figura 1. Santuário de Bom Jesus de Matosinhos – Congonhas/ MG.



Fonte: Foto de Maria do Carmo Pires (2019).

Ao peregrinar pelos povoados de Minas noticiando e atribuindo sua cura milagrosa ao Bom Jesus de Matosinhos, Feliciano Mendes cativou muitos fiéis o que mais tarde resultou em peregrinações até a cidade de Congonhas que, inicialmente, aconteciam de forma desordenada durante o ano, até que em 1779 o Papa Pio VI institucionalizou essa manifestação popular dando origem ao Jubileu que teve sua primeira realização no ano de 1780.

O Papa também concedeu a possibilidade de se conseguir a indulgência plenária para o perdão dos pecados cometidos pelos fiéis e, para isso, eles precisavam visitar a igreja no período do Jubileu, receber os sacramentos da confissão, da comunhão e dar assistência aos necessitados (Pimentel, 2008).

Desta forma pode-se concluir que a devoção ao Bom Jesus de Matosinhos foi instituída de maneira espontânea na região, por meio de um movimento popular que mais tarde possibilitou a edificação do Santuário e a instituição do Jubileu.

Ainda nos dias atuais pode-se dizer que a movimentação dos peregrinos acontece de forma espontânea partindo de uma iniciativa popular cujas motivações ficam mais claras quando se compreende a festividade do Jubileu, que ainda é a grande responsável por tornar o Santuário um destino de peregrinação do Brasil.

4.1.2 O Jubileu do Bom Jesus de Matosinhos e as Relações entre o Sagrado e o Profano

Herança de uma religiosidade barroca, as festas brasileiras em devoção aos santos tiveram início no período colonial em razão da influência europeia. De acordo com Abreu e Coriolano (2003, p. 79),

as festas religiosas estão entre as mais fortes expressões da cultura brasileira, sendo significativa a quantidade e a diversidade de celebrações que acontecem, tornando-se locus do turismo religioso.

Os movimentos de peregrinação são próprios de cada cultura que tem sua conformação histórica, política, cultural e religiosa determinando a forma, a intensidade e o sentido do andar nas suas rotas de fé. Pode-se dizer também que o caráter desses movimentos passa por transformações de acordo com as épocas.

Segundo Ribeiro (2002), em meados do século XIX houve um reflorescimento das peregrinações que anteriormente, devido aos novos hábitos e circunstâncias de vida, foram parcialmente substituídas pela vigília e pela novena. Nesse período, ainda que sobre os suportes dos dogmas da religião católica e dos valores bíblicos, os romeiros passaram a compartilhar não apenas a fé como também a interação de desfrutar momentos de lazer em conjunto.

Este autor também aponta que nos tempos atuais as festas religiosas continuam a ser, em geral, um fenômeno forte de coerção humana e são eventos que proporcionam oportunidades para reuniões, divertimento e lazer, "oportunidade de afirmar a vitalidade e a unidade de um grupo, e assim, são vividas, simultaneamente, como cerimônia religiosa e como lazer" (Ribeiro, 2002, p. 2).

Nesse contexto, a festividade do Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, para além do caráter religioso que concentra ritos e práticas devocionais seculares, também apresenta práticas que se alteram de acordo com as dinâmicas e demandas sociais das épocas, fator que resulta na incorporação de elementos materiais e simbólicos à festividade, refletindo diretamente nos processos de produção de sentido na relação sujeito/objeto e nos usos desse bem cultural. Desde os seus primórdios a comemoração potencializou intercâmbios diversos, práticas culturais e relações sociais (Alves, 2016).

Grande parte das interações e trocas proporcionadas pela festividade se dão em decorrência de um importante elemento que compõe e ao mesmo tempo contrapõe o cenário de devoção do Jubileu, que é a grande feira que se instala na cidade durante a festa. No início a feira foi ocasionada pela necessidade de atender demandas básicas dos milhares de peregrinos que chegavam à cidade e que tinham de permanecer durante todo o período da festa devido a precariedade das estradas e dos transportes (Casais, 1942).

Com o tempo a feira foi se integrando à celebração e tornando-se parte essencial, de tal modo

que o significado de “Jubileu” foi expandido no imaginário popular, passando a abranger tanto as celebrações religiosas quanto a feira. Esta se distribui em centenas de barracas de lona coloridas e iluminadas que comercializam as mais diversas mercadorias, ocupando desde o início da ladeira que leva até a igreja onde as missas são realizadas, estendendo-se para além da mesma.

A feira é também a festa, tem sua linguagem própria, é onde ocorrem os mais diversos intercâmbios e as relações sociais são potencializadas. É principalmente local de encontros e reencontros (figura 2).

Figura 2. Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos – 2019



Fonte: Secom Notícias. Prefeitura Municipal de Congonhas, 2019, n. p. Disponível em:

<https://www.congonhas.mg.gov.br/index.php/multidao-manifestou-sua-devocao-ao-bom-jesus-no-encerramento-do-jubileu-2019/>

No ano de 1942 o viajante José Casais visitou a cidade de Congonhas durante o Jubileu e para completar seu “caderno de fotografias de Congonhas do Campo”, registrou suas impressões a partir de suas vivências na festa. Nos seus relatos o autor descreve a festividade de forma bastante completa e para isso ele a dividiu nas seguintes esferas: a viagem, Congonhas, pousadas e restaurantes, comércio, a música popular, transportes, a fé, a promessa, mendigos e cultos religiosos (Casais, 1942).

A metodologia utilizada por Casais (1942) é pertinente para que a festividade possa ser analisada, pois torna evidente e permite a compreensão do universo simbólico e das práticas de cada um dos campos que compõem a celebração, possibilitando dessa forma uma compreensão do todo.

Participar do Jubileu envolve muitos fatores. A experiência começa logo na viagem que muitas vezes é organizada entre familiares, amigos e vizinhos e na

chegada a Congonhas cuja paisagem do Santuário é elemento essencial.

Os vários segmentos da festividade se misturam, vão desde a religiosidade até a o lazer e o comércio. O Jubileu é rico em cores, cheiros, sabores e sons e as comidas e doces típicos da festividade fazem sucesso entre os romeiros e moradores. Também as modas de viola, o parque de diversões e até mesmo os “bordões” cantados pelos “barraqueiros” fazem parte do universo da festa, sendo impossível desvencilhar a dimensão sagrada do profano.

4.1.3 O Congonhense e o Santuário

Por duas vezes aconteceram eventos excepcionais na cidade de Congonhas envolvendo os moradores e o Santuário do Bom Jesus, sendo um deles mais conhecido por ter ganhado menção em jornal de grande circulação na época, tendo ocorrido um pouco antes do Santuário receber o título da UNESCO.

No ano de 1978, as esculturas de uma das capelas dos passos haviam sido emprestadas para compor uma exposição temporária no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio). No entanto, os moradores da cidade reagiram fortemente à retirada, chegando a bloquear o caminhão encarregado de transportar as esculturas. Este ato resultou na permanência delas na cidade de forma que não puderam compor a mostra do museu.

Para a realização da exposição do MAM – inaugurada pelos governadores Aureliano Chaves e Faria Lima – foi necessário o patrocínio do Governo de Minas e a autorização do Patrimônio Histórico e Artístico, já que as peças foram emprestadas, em sua maioria, por igrejas e museus mineiros. Por causa desse empréstimo, aliás, criou-se uma confusão em Congonhas do Campo, de onde deveria vir o ‘Passo do Encontro do Cristo com as Piedosas Senhoras’, um conjunto que representa a Via Crucis e que faz parte da Basílica da cidade. Talvez por não terem compreendido a intenção do MAM, muitos moradores pensaram que se tratava de um assalto. Os habitantes da cidade, alertados por uma beata, cercaram a Basílica com seus carros e não deixaram que o caminhão blindado, que transportava as imagens, saísse dali. O prefeito da cidade também não quis autorizar a saída das imagens, alegando que elas poderiam danificar-se. (Folha de São Paulo, 28 de abril de 1978 *Apud* Brandão, 2011, p. 7).

Na época o caso gerou diversos comentários em apoio e em oposição. A diretora do museu Heloisa Aleixo lamentou a ausência das peças na exposição, afirmando que o tudo se tratava de uma falta de

informação por parte dos moradores de Congonhas (Brandão, 2011, p. 7). Por outro lado, o crítico de arte Frederico Morais interpretou a situação por uma ótica diferente, que nos ajuda a captar a complexidade das relações desenvolvidas entre a comunidade e o patrimônio em questão:

A realização de uma exposição reunindo cerca de 30 obras (imaginária e mobiliário) do Aleijadinho no Museu de Arte Moderna do Rio está proporcionando algumas 'lições' importantes. Não a mostra em si, bastante modesta em relação ao vulto da obra do Aleijadinho no contexto do barroco luso-brasileiro, mas os fatos que estão gerando no sentido da reafirmação de uma 'consciência mineira' de seus valores culturais, ou mais ainda do que isso, a reafirmação da cultura como um poderoso fator de integração ou coesão da comunidade. Os fatos que a imprensa vem narrando sobre a rápida mobilização da população de Congonhas, primeiro impedindo a transferência de um dos 'Passos' da Via Sacra esculpida por Aleijadinho e encamada para o Museu de Arte Moderna do Rio (...) Em momentos como esse não há padre, prefeito, diretor do Patrimônio Histórico ou governador do Estado que consiga fazer moda. Tais fatos podem ser explicados de mil maneiras: as razões são ao mesmo tempo culturais, políticas, sociológicas e, sobretudo, psicológicas (Morais, 1978, *apud* Brandão, 2011, p. 7).

A diretora do museu também chegou a declarar que os moradores de Congonhas não teriam o mesmo zelo com os Profetas de Aleijadinho, sendo eles "eternas vítimas dos turistas" (Brandão, 2011, p. 7).

Essa fala possibilita refletir acerca do que teria motivado a reação da população, visto que as capelas que abrigam as 66 esculturas em madeira, até há algumas décadas ficavam abertas, inclusive no período do Jubileu, deixando as pessoas livres para adentrá-las e até mesmo tocar nas peças, o que pode ter ocasionado a subtração de alguns pequenos objetos que compunham os cenários e a população de Congonhas não tinha se manifestado sobre isso.

Ainda que o fato mencionado pareça corroborar com a fala da então diretora do museu, ele abre margem para outras interpretações do fato que envolvem uma teia de relações e valores por parte dos moradores com o patrimônio e também com os romeiros que visitam o Santuário e fazem uso dele.

No caso da relação comunidade e patrimônio, uma possível resposta para o questionamento levantado encontra-se atrelada ao processo de atribuição de valores, pois o valor que o conjunto tem para os organizadores da exposição enquanto objeto de arte não é o mesmo que ele tem para a população de

Congonhas, pois para a comunidade eles são, antes de tudo, objetos de culto, são sagrados, tendo seu valor enquanto objeto de arte em segundo plano.

Já a relação entre o congonhense e o romeiro chama a atenção pois, segundo pesquisa de público realizada pela Secretaria de Turismo em 2006 com objetivo de conhecer o perfil do romeiro, foram apontadas diferenças ideológicas entre o considerado "turista comum" e o "romeiro" (Pimentel *et al.*, 2008, p. 5) e curiosamente essa divisão parece refletir de forma prática na relação entre a comunidade e os visitantes.

Para os moradores de Congonhas, o turista compreende aquele que visita a cidade aos fins de semana e feriados, possui alto poder aquisitivo e tem como principal objetivo contemplar o Santuário enquanto obra de arte. O visitante do Jubileu é reconhecido enquanto "romeiro" e na visão do congonhense em sua maior parte são pessoas simples que visitam a cidade motivadas pela religiosidade.

Ao observar o comportamento da comunidade em relação aos romeiros pode-se pressupor uma relação de identificação, talvez estabelecida pela fé comum ou por laços forjados ao longo dos anos sobre o pretexto de uma tradição.

Contudo, ainda que essa origem não possa ser ao certo determinada, essas relações parecem conceder aos romeiros uma espécie de "licença" relacionada aos usos dos bens patrimoniais e até mesmo dos espaços da cidade, condição à qual os turistas aparentemente não têm acesso.

Desta forma, compreender a relação que o Congonhense tem com o Santuário é essencial para compreender as relações entre o Jubileu de Bom Jesus de Matosinhos e o turismo, pois o local faz parte da vivência dos habitantes que participam ativamente em diversos eventos do calendário religioso do Santuário que, em parte, depende da contribuição da comunidade para que aconteça nas proporções que se pode testemunhar até os dias atuais.

Congonhas precisou ao longo dos anos se adaptar às grandes demandas que surgiam junto com a massa de romeiros que chegavam à cidade no período do Jubileu, sendo necessária toda uma infraestrutura que a cidade não possuía. No período da festividade o abastecimento de água era um problema recorrente.

Outras demandas referem-se à alimentação, aos meios de hospedagem, dentre tantas outras, que muitas vezes ficam sob a responsabilidade da própria população que se encarrega de hospedar os romeiros no período do Jubileu. Nessa época muitas casas se tornam pousadas, alguns moradores cedem quartos até mesmo sem cobrar, como forma de caridade e ou para manter uma "tradição de família" e também é comum moradores fornecerem alimentação a preço de custo aos romeiros.

Para além disso, boa parte do comércio que se instala na cidade depende de vários moradores concordarem em alugar as fachadas de suas casas para que as barracas possam ser montadas, uma vez que elas permanecem na cidade praticamente durante todo o mês de setembro.

Muitos moradores também têm uma relação comercial com a festividade, vendo nela uma forma de conseguir uma renda extra e nesse sentido é comum ver garagens de casas se transformando em “cantinas” improvisadas e até mesmo um comércio ambulante de alimentos.

A diversidade de elementos apresentados nesta seção demonstra o quão complexa é a relação do morador de Congonhas com o Santuário, que não se limita ao seu valor artístico e passa por diversas categorias, sociais, afetivas, religiosas, econômicas, dentre tantas outras, deixando explícito que a expressividade do Santuário enquanto local de culto não se afirma apenas em relação à atividade turística, mas também na relação da comunidade com o bem patrimonial.

4.1.4 Dados Da Visitação Turística No Santuário

Os dados da visitação turística a serem analisados nesta seção foram coletados de instituições distintas e, portanto, serão apresentados de forma separada para que ao final sejam feitas as considerações referentes às informações.

4.1.4.1 Paróquia da Basílica

A paróquia da Basílica não produz relatório de contagem de visitantes e utiliza como método o número de hóstias distribuídas por dia durante as missas. Desta forma, os números obtidos são aproximados pois nem todos os visitantes participam das celebrações e, em contrapartida, muitos moradores da cidade participam das celebrações e acabam por entrar na estatística.

A administração do Santuário não forneceu datas nem valores exatos das contagens realizadas, porém disponibilizaram a informação de que há algumas décadas as contagens registraram um total aproximado de 400.000 romeiros e que após os anos de 1980 os números apresentaram uma queda, variando nos anos de 2010 a 2019 entre 200.000 a 150.000 visitantes.

4.1.4.2 Secretaria de Turismo de Congonhas

A Prefeitura de Congonhas por meio da Diretoria de Turismo disponibilizou dados obtidos em uma contagem referente a 2014 que segundo a instituição foi a mais completa realizada até o presente.

Foi realizada uma blitz no interior da Basílica durante o Jubileu com o objetivo de fazer a contagem do número de romeiros que visitaram a Igreja. Dos dias 07 a 14 de setembro foram colocados 02 (dois) servidores em diferentes turnos para fazerem a contagem, sendo utilizado um contador manual/mecânico, na porta de saída da igreja, sempre das 5:00 às 18:30h nos finais de semana (sábados e Domingos) e de 5:45h às 18:00h de segunda a sexta-feira. Os dados obtidos foram os seguintes:

Tabela 1. Contagem de público – 2014.

Data	Nº de pessoas
07/09 - Domingo	17.483
08/09 - Segunda - Feira	3.252
09/09 - Terça - Feira	5.154
10/09 - Quarta – Feira	7.095
11/09 - Quinta - Feira	8.561
12/09 - Sexta – Feira	10.855
13/09 - Sábado	24.060
14/09 - Domingo	26.020
Total:	102.480

Fonte: Secretaria de Turismo de Congonhas.

Assim como os dados apresentados pela paróquia da Basílica do Bom Jesus, apesar de utilizar metodologia diferente, a contagem realizada pela Secretaria de Turismo possui margem de erro semelhante devido ao local escolhido para a coleta dos números, pois a festividade também possui um público que participa com objetivo apenas de realizar compras, ou seja, participam da feira e dessa forma muitas pessoas não acessam o interior da Basílica ficando de fora da contagem.

4.1.4.3 Museu de Congonhas

Localizado ao lado do Santuário, o Museu de Congonhas teve sua inauguração em dezembro de 2015 sendo o primeiro “museu de sítio” do país. O museu que tem a missão de potencializar a percepção e a interpretação das múltiplas dimensões do sítio patrimonial, oferece informações históricas e de contexto que qualificam a visita ao Santuário.

A instituição disponibilizou seus dados de visitação dos anos de 2016 a 2019, ano em que ocorreu o último festejo Jubileu que, devido a pandemia de Covid-19, não ocorreu nos anos de 2020 e 2021.

Tabela 2. Contagem de público do Museu de Congonhas

Data	Total de visitantes durante o ano	Total de visitantes em setembro
2016	67.446	16.086
2017	52.095	14.956
2018	60.061	19.274
2019	57.627	18.263

Fonte: Museu de Congonhas.

Os dados apresentados pelo Museu são reveladores, tanto para analisarmos índices de desenvolvimento turístico na cidade, quanto para atestar a potência do Santuário enquanto patrimônio religioso. O número total de visitantes anuais registrados entra em conformidade com os dados de 2010 apresentados no início do texto, quando se registrou a entrada de 57.051 visitantes na cidade de Congonhas durante o ano, revelando que não houve significativo desenvolvimento da atividade turística na cidade. Um fator que reforça esta constatação é que nos números registrados pelo museu estão incluídos a visitação de grupos escolares da cidade.

Ao comparar os dados de visitação anual do Museu com o mês de setembro, constata-se que a festividade do Jubileu é responsável por aproximadamente 30% do total de visitantes da instituição, mais precisamente 23,85% no ano de 2016, 28,71% em 2017, 32,09% em 2019 e 31,69% no ano de 2019.

Ainda que no mês de setembro o Museu de Congonhas apresente uma alta expressiva nos números de visitação em razão da celebração do Jubileu, o mais interessante a se observar são os números que não aparecem nos seus dados estatísticos.

Quando analisados isoladamente o mês de setembro, pois diferente dos números de visitação anual do Museu que condizem com os índices de visitação da cidade apurados em 2010, a média de 17.000 visitantes não é compatível com os 84.540 romeiros que chegaram a Congonhas em 2010, e também não condizem com o número aproximado de 100.000 turistas e romeiros que aparecem nas estatísticas de público do Jubileu registradas nas contagens posteriores realizadas pela blitz da Secretaria e pela paróquia da Basílica.

Os dados demonstram que apenas em torno de 20% do público do Jubileu tem visitado o Museu de Congonhas que tem como proposta atender tanto um público voltado para uma atividade cultural, quanto para um público de motivação religiosa.

A média de 20% pode ser ainda menor, pois os dados de visitação da instituição são equivalentes a todo o mês de setembro e a festividade do Jubileu ocorre oficialmente apenas dos dias 7 a 14.

4.2 Análise e Discussão

Durante as análises foi possível constatar que o fato de Congonhas não possuir um planejamento de incentivo à atividade turística e talvez por não ter preservado mais traços de sua arquitetura colonial na cidade além dos templos religiosos, característica valorizada entre os turistas, a cidade pode se encontrar

em desvantagem que afeta diretamente o fluxo do turístico no local, principalmente em relação a outras cidades coloniais próximas. Entretanto é importante salientar que tais fatores não diminuem o alcance do Santuário enquanto patrimônio religioso.

No que diz respeito à visitação turística, o Santuário do Bom Jesus vai na contramão de outros locais de peregrinação que, para além de atenderem a um movimento natural de peregrinos, são também fonte de desenvolvimento local possuindo uma estrutura turística consolidada e parcerias com empresas de turismo.

De acordo com Cristoffoli, Pereira e Silva (2012, p. 598)

Entende-se que a estratégia da transformação dos ambientes religiosos em atrativos turísticos com diferentes atrações populares acaba desembocando na associação de motivação religiosa com outras motivações, e até mesmo na busca de novos significados e valores.

A realidade do turismo religioso enquanto negócio se aplica apenas em parte no que envolve a festividade do Jubileu, através de alguns moradores e comerciantes que veem na celebração a oportunidade de gerar renda extra e acabam por comercializar produtos e alugar espaços.

Com a coleta, análise e interpretação dos dados apresentados nas seções anteriores referentes a festividade do Jubileu e seu potencial em promover movimento turístico na cidade, foi possível chegar a algumas conclusões e gerar também algumas reflexões em torno dos resultados obtidos.

Dando início pelo Santuário e seu espaço, uma questão que chama a atenção e que o diferencia de demais destinos turísticos é o fato de que o turismo, enquanto prática social, acontece sempre em locais para onde as pessoas se deslocam e, segundo Menezes e Guedes (2011, p.105), “o processo de transformação de um lugar em destino turístico é determinado basicamente pelo mercado e pela decisão governamental”. Entretanto, no caso do Santuário essa afirmação não se aplica por completo pois, ainda que exista algum marketing voltado para a visitação do Santuário e que a construção do Museu de Congonhas em suas imediações também seja um atrativo a mais para o local, é certo que em relação a festividade do Jubileu, que ocupa a posição de evento que mais atrai visitantes, não existe por parte da administração da cidade um planejamento de divulgação em massa da festividade ou parcerias que visem explorar seu potencial econômico. Isso evidencia que a permanência da festa ao longo dos anos com seu grande fluxo turístico tem se mantido de forma espontânea, por meio da tradição religiosa,

familiar e do lazer que o evento proporciona. Segundo Garcia (2013, p. 34),

as relações sociais, dentre elas as relações de produção e relações familiares, desencadeiam interações múltiplas e que se distinguem e especializam os espaços num processo acelerado e construído historicamente pelos diferentes modos de produção e pelos valores e costumes compartilhados entre os grupos humanos no passado e no presente.

Ao pensar o Santuário atrelado à celebração do Jubileu, tem-se um complexo objeto de análise, pois, durante o ano a maioria das visitas que ocorrem no local são de natureza cultural, contudo, no período do Jubileu o cenário se modifica e as motivações se tornam mais difíceis de serem determinadas em razão da diversidade de práticas intrínsecas à festividade, que vão desde a religiosidade até a tradição e o lazer.

As informações e os dados coletados permitiram uma melhor compreensão do comportamento do turista que participa do Jubileu perante a gama de possibilidades que o evento oferece, tanto voltadas para a religiosidade quanto para o lazer, contribuindo para identificar quais elementos e práticas estariam ocasionando os deslocamentos até a cidade.

Ainda que a grande maioria do público seja de fiéis, devotos do Bom Jesus de Matosinhos que participam dos ritos religiosos da festa, eles também acabam usufruindo dos demais elementos, pois consomem nas barraquinhas, sejam elas de alimentos ou produtos diversos, participam de interações sociais e encontram-se completamente imersos na atmosfera da festividade que engloba todos esses fatores. Tudo acontece no mesmo espaço, do Santuário e de seu entorno, fazendo com que tanto o sagrado quanto o profano se tornem indissociáveis.

Nesse sentido, de acordo com Carvalho, Nascimento e Roazzi (2005, p. 2),

para os romeiros, realizar a peregrinação ao Santuário, contribui não somente para o consolidar a fé no Santo, mas também, para que eles possam compartilhar momentos de lazer.

Os autores ainda concluem que em caso de festividades de natureza semelhante à do Jubileu, religiosidade e lazer encontram-se indissociados.

Um aspecto também relevante a se observar em relação a festividade é como a dinâmica entre o congonghense e o romeiro interfere nos processos de atribuição de valores e sentidos do público em relação a festa. A boa hospitalidade percebida por parte dos moradores com os romeiros contribui para criação de uma atmosfera acolhedora no evento, que por sua vez

colabora para que os visitantes desenvolvam vínculos tanto com a festividade, quanto com o local, fazendo com que eles se tornem mais dispostos a retornar nos anos seguintes. De acordo com Steil (1998, p. 4),

viajar é revisitar memórias e evocar tempos nostálgicos, de modo que o passado se transforme numa visão de sonho, de inocência perdida e de simplicidade natural. O que é evocado também é idealizado, fazendo desenhar-se diante dos olhos a imagem de um mundo que se recompõe com os fragmentos positivos de sua própria biografia.

Seguindo essa linha de pensamento, Freitas (2015, p. 75) afirma que, “a construção histórica e cultural do lugar interfere diretamente nos outros instrumentos de transferência de significados”. No caso do Jubileu isso fica evidente quando constatamos a importância simbólica do Santuário a partir dos valores que são atribuídos a ele, que estropeiam os valores artísticos e estéticos e transbordam tanto para os moradores da cidade quanto para os romeiros com os quais a população compartilha seu patrimônio. Esses valores fazem do Santuário um local de fé, de acolhimento, de lazer, de encontros, reencontros e tradição, elementos que independente de mercado ou decisões governamentais que visam tornar um lugar destino turístico, fazem do Santuário, especialmente no período do Jubileu, um destino único tanto para o romeiro quanto para o turista.

A comparação entre os dados de visitação expostos nas seções anteriores corrobora por distanciar ainda mais a hipótese de que os atributos estéticos e artísticos do Santuário seriam fatores que motivam o deslocamento dos romeiros até o local, uma vez que o número de pessoas que não visitam o Museu durante o Jubileu é grande, pois circulam pelo Santuário no período da festividade cerca de 100.000 (cem mil) pessoas e o número de visitantes na instituição durante esse período não chegou aos 20.000 (vinte mil), ainda que no período da festividade a entrada no museu seja franca.

Um fator relevante a ser considerado é o período de tempo em que a visitação em massa ocorre, porque independente do interesse do público, fé ou lazer, o Jubileu mobiliza em uma semana um número de visitantes superior ao que o Museu consegue reunir em um ano, sem contar as duas semanas extras que as barracas ficam na cidade que também atraem grande movimentação turística que não entram nas estatísticas.

De modo geral, a pesquisa revelou que a visitação no período do Jubileu corresponde quase à totalidade dos números relativos ao turismo religioso no local e chega a ser superior ao turismo cultural

presente na cidade, constatando que o Santuário, apesar de seu incontestável valor artístico e cultural de patrimônio cultural da humanidade, ainda se sobressai enquanto local de culto, cumprindo até os dias de hoje sua função primordial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que inicialmente se propunha a uma reflexão acerca dos fatores responsáveis pelo fenômeno turístico religioso do Santuário acabou se desdobrando em um complexo conjunto de possibilidades de análises e interpretações.

A peregrinação que acontece em Congonhas trata-se de um fenômeno complexo, secular, social, que envolve fatores de afeto, de tradição, de memória, de valores, de lazer, de comércio, dentre tantos outros, que fazem com que o local seja mais que uma peregrinação ou segmento de uma atividade turística.

Ainda que as estatísticas de visitação não sejam precisas, foi possível destacar a potência do Santuário para além de patrimônio religioso, enquanto patrimônio vivo em um contexto de pós-modernidade onde se tem uma urgência em relação a patrimonialização dos bens culturais pelo medo da perda de costumes e tradições que já não são mais vividas (Gonçalves, 2015).

O Santuário do Senhor Bom Jesus em razão do Jubileu que se destaca por seu caráter móvel, vivo e mutável é o grande responsável por garantir a permanência da festa com o passar dos anos e nas proporções em que ela ocorre. Além disso, o movimento das peregrinações é um importante elemento que contribui para a preservação da identidade cultural e religiosa.

Pode se concluir que os fatores que motivam as peregrinações até Congonhas para a comemoração do Jubileu perpassam pela questão dos valores, pois para o romeiro o Santuário é quase que completamente despido de seu valor enquanto arte. Para eles não interessa em primeiro lugar quem esculpiu as estátuas das capelas, quem foi o responsável pela pintura ou pela planta arquitetônica do Santuário.

Pouco interessa também se o estilo é Barroco ou Rococó, sendo possível dizer inclusive, que esses termos são desconhecidos por grande parte do público frequentador da festividade. Para o romeiro o Santuário é um local de culto, as obras de arte são objetos de culto, o Santuário é a materialidade, o vetor que possibilita a existência de todo esse universo simbólico.

Pode se dizer também que o tipo de peregrinação ocasionada pelo Jubileu de Congonhas se diferencia de muitas outras festividades de natureza semelhante, talvez pelo espaço quase insuficiente pelo volume de

barracas e pessoas que contribui para interação social, ou pela forma como a festa é organizada envolvendo a participação direta de muitos moradores, ou ainda pelo público em geral que parece nutrir um respeito pela celebração. Fato é que a festividade de certa forma conserva uma aura de familiaridade.

O Jubileu é visto como uma festa acolhedora onde os frequentadores desenvolvem um tipo de proximidade uns com os outros. O fato de muitos romeiros retornarem nos anos seguintes torna o Santuário um local de encontros não apenas entre as pessoas, mas com todos os elementos materiais e simbólicos que compõem a celebração e ficam registrados na memória de quem participa, independente da motivação sagrada ou profana da festa que, seguindo as análises de Gonçalves (2003, p. 28), devido às diversas dimensões que ela compõe, constitui um fato social total ou “um fato de civilização no sentido atribuído por Marcel Mauss”.

Portanto, para além da reflexão acerca dos fatores que estariam motivando as peregrinações até Congonhas, é também importante pensar na relação entre forma e conteúdo, entre material e intangível, pois sem a materialidade do Santuário essa tradição secular não seria mantida.

Também é importante questionar sobre o impacto de um bem cultural material para a manutenção e continuidade das práticas culturais. Esses fatores possibilitam também refletir sobre a importância do reconhecimento e da preservação dos bens culturais tangíveis e intangíveis.

REFERÊNCIAS

- Abreu, T. N. M.; Coriolano, L. N. M. T. (2003). Os centros de romaria do Ceará e o turismo religioso. In: Coriolano, L. N. M. T. (org.). *O turismo de inclusão e o desenvolvimento local*. Fortaleza: FUNECE.
- Alves, H. O. (2016). *Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas: devoção, religiosidade e poder (1779 – 1809)*. 2016. 181f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de filosofia e ciências humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Aragão, I.; Macedo, J. R. (2011). Turismo religioso, patrimônio e festa: Nosso Senhor dos passos na cidade sergipana de São Cristóvão. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p.399-414.
- Aragão, I. R. (2014). Reflexões acerca do Turismo Cultural-Religioso e Festa Católica no Brasil. *Revista Grifos*, 23(36/37), 53-67.
- Beni, M.C. (2000). *Análise Estrutural do turismo*. São Paulo: Senac São Paulo.
- Brandão, A. (2011). Um barroco no Museu de Arte Moderna. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH*, São Paulo.

- Brasil. MINISTÉRIO DO TURISMO. Turismo cultural: orientações básicas. Brasília, Ministério do Turismo. 2008.
- Carvalho, A. R. D. M., Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2005). Religiosidades populares e a experiência do lazer: um estudo com romeiros de São Severino dos Ramos a partir da Teoria das Facetas. In Anais do XVIII congresso de Ciências da comunicação-INTERCOM.
- Casais, J. (1942). "Congonhas do Campo". in *Revista Geográfica Americana*, novembro, pp. 283-291.
- Christoffoli, A. R.; Pereira, R. F. A.; Silva, Y. F. (2012). O Lazer no Turismo Religioso: uma análise dos discursos no Turismo. *Passos, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. Vol. 10 N° 5 págs. 595-603.
- Dencker, A. F. M. (1998) *Métodos e técnicas de pesquisa em Turismo*. São Paulo: Futura.
- Dias, R.; Silveira, E. J. S. da (orgs.). (2003). *Turismo religioso: ensaios e reflexões*. Campinas: Alínea.
- Engracia, Mons. J. (1908). *Relação Chronologica do Sanctuario e Irmandade do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo no Estado de Minas Geraes*. Revista do Archivo Publico Mineiro. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Geraes.
- França, F. (2001). *Manual do Romeiro do Bom Jesus de Congonhas*. Congonhas.
- Freitas, J. A. (2015). Pensando em uma Antropologia do Consumo do Turismo. Anais Brasileiros De Estudos Turísticos, 5(3), 72-79. Disponível em: <https://periodicos.ufif.br/index.php/abet/article/view/3106> em 10th 2022, fevereiro.
- Garcia, R. M. de P. (2013). Espaço e Turismo: Reflexões Contemporâneas. Anais Brasileiros De Estudos Turísticos, 3(2), 33-42. Disponível em: <https://periodicos.ufif.br/index.php/abet/article/view/3013> em 10th 2022, fevereiro.
- Gonçalves, J. R. (2015). O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 28, no 55, p. 211-228, jan.- jun. Disponível em <https://www.scielo.br/jeh/a/FqBLtvWWWzbnkQGZQsb5jkrjr/?lang=pt&format=pdf> em 15th 2021, outubro.
- Gonçalves, J. R. (2003). O patrimônio enquanto categoria de pensamento. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário. *Memória e Patrimônio, ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP & A.
- Jácome, G. A. (2017). Turismo Religioso: o caso dialético do Jubileu de Conceição do Mato Dentro (Minas Gerais/Brasil) e da Mineração na região. Anais Brasileiros De Estudos Turísticos, 6(3), 30-43. Disponível em: <https://periodicos.ufif.br/index.php/abet/article/view/3151> em 10th 2022, fevereiro.
- Fonseca, M. C. L. (2009). Para Além da Pedra e Cal: por uma concepção ampla do patrimônio cultural. In. Abreu, R.; Chagas, M. (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Lamparina, pp.59-79.
- Machado, J. (2017). *Museu de Congonhas: relato de uma experiência*. Brasil: UNESCO.
- Meneses, U. T. B. de. (1996). Os usos culturais da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec.
- Menezes, P. D. L. de; Guedes, J. A. (2011). A ideologia do turismo e o discurso midiático. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, v. 8, n. 1, p. 95-108.
- Morais, F. (1978). O Aleijadinho e a consciência mineira in: *Artes Plásticas, Jornal do Brasil*, 9 de maio.
- Neves, J. L. (1996). Pesquisa Qualitativa: características, usos, possibilidades. In: *Caderno de Pesquisa em Administração*. São Paulo, v. 1, n. 3. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf em 30th 2021, outubro.
- Pereira, T. M.; Costa, L. C.; Santos, J.R.A.S.; Ribeiro, P. R. (2008). Turismo religioso: análise e tendências. In: *V Seminário ANPTUR*. Belo Horizonte.
- Pimentel, T. D. (2008). *A Espacialidade Na Construção Da Identidade: a Feira do Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinho*. Congonhas do Campo/ Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG.
- Pimentel, T. D. Carrieri, A. P. Pimentel, M. P. C. Brito, M. J. (2011). "Da basílica à feira... do oásis ao Shoppinglêu": a trajetória das metáforas do Jubileu em Congonhas (MG). *Rev. Adm. Pública* vol.45 no.1. Rio de Janeiro.
- Pires, M. C. (2020). Cozinha mineira e abastecimento alimentar nos campos de Vila Rica de Ouro Preto no século XVIII e início do século XIX. *Revista História e Cultura*, v.9, n. 2, 53-72. Disponível em: <https://seer.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/3337> em 15th 2021, outubro.
- Ribeiro, H. (2002). Andar com fé e o sentido do chegar. *Instituto Virtual do Turismo*, v. 2, n. 4. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/23> em 15th 2021, outubro.
- Secom Notícias. *Prefeitura Municipal de Congonhas* (2019), n.p. Disponível em: <https://www.congonhas.mg.gov.br/index.php/multidao-manifestou-sua-devocao-ao-bom-jesus-no-encerramento-do-jubileu-2019/> em 30th 2021, outubro.
- Silveira, E.J.S. (2004). *Turismo Religioso Popular? Entre a ambiguidade conceitual e as oportunidades de mercado*. Revista de Antropologia Experimental. Espanha, 4: 1-16. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=852475&15584&info=link> em 18th 2015, setembro.
- Silveira, E. J. S. (2007). Turismo Religioso no Brasil: uma perspectiva local e global. *Revista Turismo em Análise*, 18(1), 33-51.
- Steil, C. A. (1998). Peregrinação e turismo: o Natal em Gramado e Canela. *Reunião Anual Da Anpocs*, 22, 1-17.
- UNESCO. (2006). *Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. Paris. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao%20Salvaguarda%20Patrim%20Cult%20Imaterial%202003.pdf> em 30th 2021, outubro.

Table 1. CRediT author statement.

Term	Definition	Autor 1	Autor 2
Conceptualization	Ideas; formulation or evolution of overarching research goals and aims	x	x
Methodology	Development or design of methodology; creation of models	x	x
Software	Programming, software development; designing computer programs; implementation of the computer code and supporting algorithms; testing of existing code components		
Validation	Verification, whether as a part of the activity or separate, of the overall replication/ reproducibility of results/experiments and other research outputs	x	x
Formal analysis	Application of statistical, mathematical, computational, or other formal techniques to analyze or synthesize study data	x	x
Investigation	Conducting a research and investigation process, specifically performing the experiments, or data/evidence collection	x	x
Resources	Provision of study materials, reagents, materials, patients, laboratory samples, animals, instrumentation, computing resources, or other analysis tools		x
Data Curation	Management activities to annotate (produce metadata), scrub data and maintain research data (including software code, where it is necessary for interpreting the data itself) for initial use and later reuse	x	
Writing - Original Draft	Preparation, creation and/or presentation of the published work, specifically writing the initial draft (including substantive translation)		x
Writing - Review & Editing	Preparation, creation and/or presentation of the published work by those from the original research group, specifically critical review, commentary or revision – including pre- or post-publication stages	x	x
Visualization	Preparation, creation and/or presentation of the published work, specifically visualization/ data presentation	x	x
Supervision	Oversight and leadership responsibility for the research activity planning and execution, including mentorship external to the core team		x
Project administration	Management and coordination responsibility for the research activity planning and execution	x	
Funding acquisition	Acquisition of the financial support for the project leading to this publication		

Source: adapted from Elsevier (2022, s/p), based upon Brand et al. (2015).

Processo Editorial / Editorial Process / Proceso Editorial
 Editor Chefe / Editor-in-chief / Editor Jefe: PhD Thiago D. Pimentel (UFJF).
 Recebido / Received / Recibido: 06.09.2021; Revisado / Revised / Revisado: 20.11.2021 – 16.01.2022; Aprovado / Approved /
 Apobado: 01.07.2022; Publicado / Published / Publicado: 21.07.2022.
 Revisado às cegas por pares / Double-blind peer reviewed / Revisado por pares ciegos.